



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

MÃE STELLA DE OXÓSSI: AFONJÁ, CULTURA E IDENTIDADE AFRO-BAIANA

Jamile Lopes Silva ¹
João Paulo Mendes França ²
Gildecil de Oliveira Leite ³

Resumo: Busca-se construir um resumo biográfico de Mãe Stella de Oxóssi e relacioná-lo com o Manifesto Antissincretismo, produzido por ela e outras importantes líderes, como um documento emblemático para a manutenção de aspectos religiosos e culturais do candomblé na sociedade baiana, uma vez que este possibilitaria o início de uma ruptura da “mistura” com preceitos católicos; sendo pretendido evidenciar de tal modo, por meio da biografemática barthesiana, contribuições da póstuma ialorixá para a afirmação identitária candomblecista. Para obter êxito em tais proposições, dentre outras fontes referenciais, serão utilizados documentos sistematizados pelo projeto “Xangô, Conhecimento Nagô na Bahia: Uma Experiência Afonjá”.

Palavras-chave: Mãe Stella de Oxóssi; Biografemática; Cultura; Identidade; Candomblé.

Introdução

Este estudo, inicial, busca compreender aspectos da vida de Mãe Stella de Oxóssi, importante sacerdotisa do Ilê Axé Opô Afonjá, e do Manifesto contra o sincretismo religioso (1983) de autoria da citada sacerdotisa. Tendo como fontes de investigação primordiais, a conjunção entre vida e obra, da filha de Oxóssi, portanto *vidarbo*, conforme Barthes, espera-se entender algumas contribuições do mencionado documento para a comunidade afro-brasileira e para a pluralidade cultural brasileira.

Neste artigo, foca-se em traços importantes da vida de ialorixá, com o intuito de construir uma proposta de *biografemática* barthesiana, uma biografia que considere vida e crítica da obra, em trabalho futuro. Sendo um trabalho ainda preliminar, assume-se a sua incompletude e a constante busca de ampliação do mesmo.

¹ UNEB XXIII – Bolsista IC – PICIN. Contato: losjamil@gmail.com

² UNEB XXIII - Bolsista IC – FAPESB. Contato: szhanael@hotmail.com

³ UNEB XXIII. Coordenador do projeto, Xangô: uma experiência Afonjá, financiado pelo CNPq. Contato: gildecil.leite@gmail.com



Os traços da vida-obra de Mãe Stella

Maria Stella de Azevedo Santos, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá do ano de 1976 até 27 de dezembro de 2018 (data de sua morte), foi filha de uma família de classe média baiana, formada pela Escola de Enfermeiras da Bahia. A grande ialorixá e expoente dos cultos candomblecistas na Bahia, se eternizou, por meio do seu posto de sacerdotisa e por seus feitos à frente, por mais de quarentas anos, do Afonjá.

A ligação de Mãe Stella (Odé Kayodê⁴) com o candomblé se firmou quando ela tinha quatorze anos. “Stella recebeu da avó Theodora ‘a herança do candomblé’. Esse legado muitas vezes representou uma carga para sua existência.” (CAMPOS, 2003, p. 29). Essa carga se refere aos os primeiros embates que Mãe Stella viria a enfrentar dentro de sua própria família que tentava inibir as suas práticas religiosas.

Um ano após Mãe Ondina deixar seu posto de ialorixá no Opô Afonjá, devido ao seu falecimento em 19 de março de 1975, Mãe Stella, no dia 19 março de 1976, é escolhida como sucessora do mais alto posto hierárquico de um terreiro de candomblé, através do jogo de búzios, conforme a tradição no Afonjá, como se pode conferir na ata de reunião⁵ do dia supracitado. Diferente de algumas outras casas, que escolhem suas lideranças por afinidade consanguínea, com o cargo passando de geração em geração. No Afonjá a sua é definida por Xangô sem obrigatoriedade de parentesco com a sacerdotisa anterior.

Assim, buscando embasamento em Barthes¹ para experienciar este breve estudo da vida e do legado de Mãe Stella, esta importante personalidade para o povo negro da Bahia, pretende-se debruçar sobre traços da luta que a ialorixá travou contra o sincretismo. Através do manifesto, mostra-se também o elo que sustenta a ligação da ialorixá com a cultura afro-baiana e afro-brasileira, expondo o seu ponto de vista para defender os seus. Construindo, assim, esse traço de vidarbo que ultrapassa os muros do terreiro e atinge estudos sobre cultura e identidade. Então para Pino (2016, p. 20) “[...]pesquisa biografemática procura encontrar alguns elementos-de-vida-chave nos

⁴ Nome iorubá de Stella de Oxóssi que significa “o caçador traz alergia”, fazendo referência ao seu orixá.

⁵ Reunião para a escolha da nova ialorixá.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

autores estudados; por outro, ela deve entender como esse elemento ultrapassa a vida do próprio autor e atinge o leitor."

Afirma-se, ser importante citar os vários títulos e realizações, de peso simbólico e social, atribuídos a Odé Kayodê como o Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2005, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2009, Prêmio de formentadora da cultura pelo jornal Estadão⁶ em 2001, e empossada na Academia de Letras da Bahia em 2013, para ocupar a cadeira 33 que tem como patrono o poeta Castro Alves. Vale destacar também que Mãe Stella escreveu e publicou livros, como "E Dai Aconteceu o Encanto", de 1988; "Meu Tempo é Agora" – primeira edição em 1991, e segunda edição em 2010; "Lineamentos da Religião dos Orixás - Memória de ternura", em 2004; "Òsósi - O Caçador de Alegrias", em 2006; "Owé - Provérbios", em 2007; "Epé Laiyé- terra viva", em 2009. A realização de obras também mostra o engajamento para preservar os preceitos de seus ancestrais, a exemplo de "Meu Tempo é Agora", (2010) no qual a ialorixá serve de fonte primária, trazendo aspectos da oralidade, dos cultos e tradições do Afonjá para a contemporaneidade.

Entre as várias realizações, cita-se a construção do museu Ilê Ohum Lalai⁷, também em sua gestão. A escritora estimulou a criação da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, que funciona dentro do Afonjá. O engajamento da líder para o fortalecimento da cultura afro-brasileira pode ser notada em diferentes ações.

O manifesto, o sincretismo e a emancipação dos ritos afro-baianos

Entre candomblecistas, há quem naturalize o sincretismo com o cristianismo católico e protestante, mas há também quem o problematize. Esta problematização possui como principal justificativa a ideia de que estar sincretizado com religiões cujos seguidores (as) praticam constantemente atos de intolerância e racismo não só não faz mais sentido como também é prejudicial ao candomblé. Segundo especialistas, o racismo envolto na discriminação das religiões de matriz africana remonta à escravidão (Puff,

⁶ Jornal de São Paulo, fundado em 1875 e que hoje tem circulação nacional por meio virtual.

⁷ Museu do Ilê Axé Opô Afonjá.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

2016), como uma espécie de inconformidade perante a liberdade reconquistada por negros e negros. Cabe apontar ainda que estas religiões monoteístas se valem dos mitos raciais e eurocêntricos como um mecanismo de auto-validação, discriminando, taxando, neste caso, o candomblé, como uma seita demoníaca, para que seu séquito de fiéis, por meio da coerção e medo, acredite em seus ideais de salvação diante de seu deus pretensamente único e verdadeiro.

Considerando estas colocações, o antissincretismo no candomblé é uma estratégia de sobrevivência em uma sociedade ainda racista, assim como a utilização do próprio sincretismo fora necessário em épocas coloniais. Os antepassados de Mãe Stella de Oxóssi, para não sofrerem repreensões foram levados ao sincretismo. Em decorrência do processo de expansão de poder da Instituição Católica, FERRETI (1998), iniciado nessas terras diante da imposição da conversão religiosa e da inadmissibilidade de qualquer outra prática que não correspondesse à católica, o prosseguimento do culto aos orixás, origem histórica do candomblé, só poderia acontecer por meio de estratégias tão engenhosamente articuladas que fizessem colonizadores e seus séquitos acreditarem que este se tratava de ritos católicos. E estas estratégias obtiveram êxito, mesmo enquanto tinham que lutar a cada instante para conservar suas existências físicas. Surgiu então o que viria a construir as relações sincréticas afro-brasileiras, o processo de correspondência entre orixás e santos católicos, fundamental para a máscara cristianizada, possibilitando, mesmo que de maneira velada, que a subjetividade religiosa e cultural assente no culto aos orixás fosse aceitável naquele contexto político e pudesse sobreviver até que se conformasse o candomblé. Todavia, com suas liberdades reavidas, negras e negras do candomblé, não mais necessitam de uma máscara, possuem, finalmente, respaldo legal para que expressem suas crenças, suas existências no mundo, e o sincretismo passou não só a ser desnecessário, como também nocivo, uma vez que as influências sincréticas cristãs traziam consigo os preconceitos raciais daqueles e daquelas que o seguiam.

Sincretismo traz por outro lado a ideia de opressão e de imposição da religião do colonizador sobre o colonizado, implicando na aceitação pacífica pela classe subalterna, de tradições da classe dominante, que adotaria e confundiria



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

elementos de origens distintas e opostas. Sabemos que a pregação dos missionários e a catequese encontram-se na raiz desta imposição de uma religião sobre outra. (Ferretti, 1998, P. 184)

Assim, em períodos escravocratas, o catolicismo prosseguiu a ser utilizado para inferiorizar a negritude e tudo que lhe representa, incluindo-se aí o candomblé. Portanto este antissincretismo atua em um projeto de alavancamento das autonomias candomblecistas na sociedade global, enaltecendo os ritos próprios sem, no entanto, desmerecer os ritos católicos, como demonstra esta declaração de Mãe Stella:

Os Santos e imagens católicos têm seus valores. Nós não estamos a fim de deixar de acreditar, por exemplo, em Santa Bárbara. Um espírito elevado, sem dúvida. Mas sabemos que Iansã é uma outra energia, não é Sta. Bárbara. Religião não se impõe, depende da consciência de cada um. Mas queremos respeito com o Candomblé. (Prata, 1983)

Esta “mistura religiosa” conforma também uma cultura de tratamento descaracterizante do candomblé, colocando-o, em posição de “[...] folclore, seita, animismo ou religião primitiva” (Prata, 1983), à mercê comercialização promovida propagação turística. Foram contra estes sucessivos desrespeitos às milenares honras e memórias negras que se moveram Mãe Stella de Oxóssi, que foi e será eternamente uma líder deste emancipatória, e demais ialorixás. Segundo Campos (2003, p. 65), “Mãe Stella transformou-se em símbolo da luta pela democratização cultural, pela valorização do ser humano, pelo reconhecimento da religião africana tradicional.”

Em uma matéria jornalista⁸ publicada pelo Jornal da Bahia⁹ em 29 de julho 1983, logo no título, a desejo de liberdade, respeito e autonomia religiosa em evidência: “Iyalorixás assumem a crença como uma religião independente da católica”. Esta declaração de independência publicada no jornal da Bahia é fruto do Manifesto Antissincretismo, documento divulgado em versões, produzido pelas ialorixás. A primeira versão foi transmitida na II Conferência Mundial da Tradição Orixá e Cultura, segue-a na íntegra:

⁸Documento digitalizado e sistematizado pelo projeto de pesquisa científica Xangô, Conhecimento Nagô na Bahia: Uma Experiência Afonjá.

⁹ Periódico brasileiro da cidade de Salvador/BA, que teve sua circulação entre os anos de 1958 à 1994.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

As Iyas e Babalorixás da Bahia, coerentes com as posições assumidas na II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, realizada durante o período de 17 a 23 de Julho de 1983, nesta cidade, tornam público que depois disso ficou claro ser nossa crença uma religião e não uma seita sincretizada. Não podemos pensar, nem deixar que nos pensem como folclore, seita animismo, religião primitiva como sempre vem ocorrendo neste país, nesta cidade, seja por parte de opositores, detratores: muros pichados, artigos escritos – “Candomblé é coisa do Diabo”, “Práticas africanas primitivas ou sincréticas”, seja pelos trajes rituais utilizados em concursos oficiais e símbolos litúrgicos consumidos na confecção de propaganda turística e ainda nossas casas de culto, nossos templos, incluídos, indicados, na coluna do folclore dos jornais baianos. Ma beru, Olorum wa pelu awon omorisa¹⁰ (CAMPOS 2003, p. 44-45).

Esta manifestação deixa claro, ainda, em decorrência do pensamento católico monoteísta-exclusivista, da hegemonia política que esta instituição conquistara e do racismo, que o candomblé é alvo de discursos e práticas demonizadoras. Deixemos explícito que associar o candomblé a demônios ou quaisquer entidades maniqueístas, é um erro epistemologicamente ridículo, grotesco e desonesto, uma vez que tais figuras metafísicas não possuem nenhuma conexão com a mitologia de orixás. “Essa coisa de mandar na consciência das pessoas, neste fim de secular, não é mais possível” – disse Mãe Stella ainda na entrevista já citada do Jornal da Bahia.

Devido à repercussão, sobretudo jornalística, parca e inconsistente que tivera a primeira versão, lançaram a segunda versão do Manifesto Antissincretismo. Além de abordar as temáticas, que já discorreremos com maior complexibilidade, tecem, também, uma crítica aos candomblecistas, que não apoiaram o manifesto, que prefiram a aceitabilidade “do opressor”, o que mais contemporaneamente pode ser avisto em figuras como Fernando Holiday¹¹, vereador e militante negro contrario as cotas raciais. Segue a segunda versão do manifesto:

Ao público e ao povo de Candomblé”:

Vinte e sete de julho passado deixamos pública nossa posição a respeito do fato de nossa religião não ser uma seita, uma prática animista primitiva; conseqüentemente, rejeitamos o sincretismo como fruto de nossa religião, desde que ele foi criado pela escravidão à qual foram submetidos nossos antepassados. Falamos também do grande massacre, do consumo que tem sofrido nossa religião. Eram fundamentos que podiam ser exibidos, mostrados, pois não mais éramos escravos nem dependemos de senhores que nos orientem. Os jornais não publicaram o documento na íntegra; aproveitaram-no

¹⁰ Não tenha medo, Olorum está com os deuses (em tradução livre).

¹¹ Vereador da cidade de São Paulo, filiado ao partido dos Democratas.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

para notícias e reportagens. Quais os peixes colhidos por esta rede lançada? Os do sensacionalismo por parte da imprensa, onde apenas os aspectos do sincretismo e suas implicações turísticas (lavagem do Bonfim etc.) eram notados; por outro lado apareceram a submissão, a ignorância, o medo e ainda “a atitude de escravo” por parte de alguns adeptos, até mesmo ialorixás, representantes de associações “afro”, buscando serem aceitos por autoridades políticas e religiosas. Candomblé não é uma questão de opinião. É uma realidade religiosa que só pode ser realizada dentro de sua pureza de propósito e rituais. Quem assim não pensa, já de há muito está desvirtuado e por isso podem continuar sincretizando, levando Iyaôs ao Bonfim, rezando missas, recebendo os pagamentos, as gorjetas para servir ao pólo turístico baiano, tendo acesso ao poder, conseguindo emprego etc. (CAMPOS 2003, p. 45-48)

No segundo documento vê-se a necessidade das ialorixás de explicar, de forma mais detalhada, os porquês da desvinculação com os modelos sincréticos, evidenciando que o primeiro documento foi usado na mídia jornalística de forma sensacionalista, e que não publicou o documento na íntegra, como Mãe Stella descreve, servindo para especulações de cunho folclórico. Ainda explana sobre sobre “a atitude de escravo” definindo a postura de algumas ialorixás e adeptos, que ainda optam por seguir o sincretismo.

Considerações finais

Em virtude das proposições apresentadas, este pequeno perfil com elementos iniciais sobre a vida e os feitos da ialorixá, nos trás alguns dos fatos relevantes para pensar a postura que ela tomou, baseada em seus pontos de vista, dentro de uma sociedade ainda amarrada a preconceitos étnico-raciais, respeitando a sua ancestralidade.

É possível observar o quanto Mãe Stella de Oxóssi contribuiu para a autonomia do candomblé na Bahia e no Brasil, desvinculando dos preceitos católicos para a tentativa de mudar o pensamento de adeptos e a sociedade em geral. Sem dúvidas a temática anti-sincrética é um dos emblemas que representam a força e liderança que caracterizam a ialorixá. Mostrando assim esse sendo um dos traços de vidarbo de Mãe Stella, que lutou para preservar a cultura não só de sua casa, mas também de todo um território identitário.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

Referências

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **Mãe Stella de Oxóssi**: perfil de uma liderança religiosa. Editora Zahar. 2003.

FERRETI, Sérgio E. **Sincretismo Afro-Religioso e Resistência Cultural**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>> Acesso em: 29 de julho de 2019.

LEITE, Gildeci de Oliveira. **Edison Carneiro, biografemas: poesia, samba e candomblé**/Gildeci de Oliveira Leite -. Salvador, 2017.

LEITE, Gildeci Oliveira de. **Literatura e Mitologia Afro-Brasileira: encantos e percalços**. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1335958/literatura-e-mitologia-afro-baiana--encantos-e-percal%C3%A7os>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

PINO, Cláudia Amigo. **De um corpo para outro: Roland Barthes e a biografemática**. Criação & Crítica, n. 17, p. 15-29, dez. 2016. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 28 de julho de 2019.

PRATA, Vander. **Iyalorixás assumem a crença como uma religião independente da católica**. Jornal da Bahia. 29 de julho de 1983.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** BBC. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm> Acesso em: 29 de julho de 2019.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora**. 2ª ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.